

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

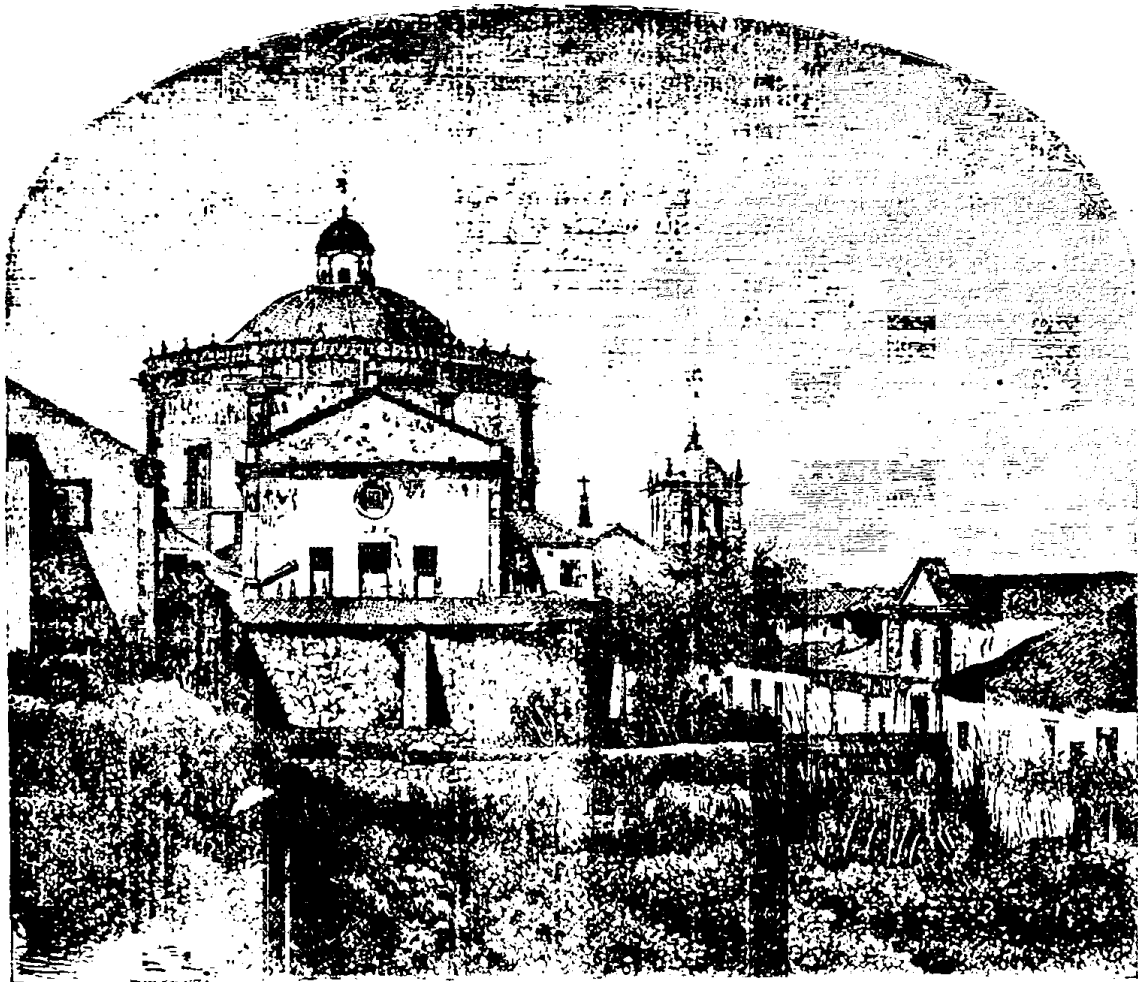
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad b'arium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*A proposito da emigração.*—Secção Religiosa: *As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 28.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Litteraria: *Tribulações d'um pae*, poesia, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada: *Frontaria da Sé de Braga*, por R. Paraizo.—Secção Necrologica, pela redacção.—Retrospecto da Quinzena, por Virgilio de Senna.—*Bibliotheca Romantica*, 2.ª folha, *O Cavalleiro do Oriente*, versão de Mattos Ferreira.

Gravuras: *Convento do Pilar.*



CONVENTO DO PILAR

A proposito da emigração

*Dom José Dias Correia de Carvalho,
por mercê de Deus e da Santa Sé
Apostolica, Bispo de Vizeu, do Con-
selho de Sua Magestade Fidelissima,
Par do Reino, etc., etc.*

Ao Muito Reverendo Clero e Fieis da Nossa
Diocese, Saude e Benção

EM o numero 3464 do *Viriato*, vem um appello á Nossa cooperação na propaganda contra os males da emigração, que de Portugal fazem annualmente para o Brazil milhares de seus mais vigorosos filhos. As phrases eloquentes e sentidas d'aquelle appello, em que transparece o mais acendrado e ilustro patriotismo, em que tanto ao vivo se pintam aquelles males, vieram, em verdade, despertar a Nossa solicitude, para pela Nossa parte procurarmos tambem precaver contra esses males os Fieis confiados aos Nossos pastoraes cuidados.

Que não só á salvação eterna das almas, objectivo primario de taes cuidados, mas ainda aos bens da vida terrestre estende a Egreja a sua acção benéfica, quando em seus ensinamentos recommenda a seus filhos o amor ao torrão em que nasceram, e onde junto das cinzas de seus avós devem exercer a sua actividade em proprio proveito e utilidade da mesma patria.

E, se é livre a cada um ir em demanda do logar onde se lhe affigura ver mais bem garantidas as condições de seu bem estar, ainda assim, no meio d'essa liberdade, tudo conspira para que se não abandone o patrio ninho em virtude de illusorias esperanças e de fementidas promessas. Se na patria não é dado a todos o gozo de igual quinhão nos commodos da presente vida, por ser de todo o ponto impossivel uma tal igualdade, nunca ella nega o pão diario aos desherdados da sorte, quando no vigor das forças e mesmo no declinar d'ellas procuram alcançal-o á custa de honrados suores e fadigas; e aquelles a quem a doença ou propecta idade impedem absolutamente de alcançarem o sustento á custa do proprio trabalho, estende ella mão caridosa nos hospitaes e asylos, e ainda nas casas dos que amam e praticam a virtude sublime da caridade, que tão singularmente caracteriza o bom povo portuguez.

Além d'isso é Portugal uma nação essencialmente agricola, pois que da

agricultura aufero elle a sua principal receita, e carece por isso urgentissimamente de braços que arroteiem seus campos e cultivem suas searas. Mas á satisfação d'esta necessidade instante oppõe-se gravemente a corrente d'aquella emigração, cada dia mais crescente em virtude d'aquellas promessas e esperanças.

Resta, pois, esclarecer os que se acham tão profundamente illudidos. importa dizer a verdade toda áquelles a quem se fazem nutrir as mais lisongeiras esperanças no meio das mais fementidas promessas. O avultado numero de portuguezes fallecidos annualmente n'aquelle Imperio são a mais evidente prova da inclemencia de seu clima abrazador, e da vida miseranda que n'elle arrastam a maior parte dos emigrantes. De tão dolorosos males dão frequentes vezes noticias diversas correspondencias dirigidas do Brazil a diversos jornaes do Reino, como ainda ha pouco a que vem transcripta n'um dos jornaes da capital — *O Dia*, á qual se refere aquelle appello: «A febre amarella, diz esta correspondencia, continua a victimar cruelmente a população do Rio de Janeiro. Os hospitaes estão cheios e em todas as freguezias se organisam commissões para socorrer os que não teem casa, nem pão; porque tambem ha por cá muito desgraçado que morre de fome, e que á noite dorme ao relento sobre os bancos do jardim ou nas portadas das casas. A seguinte estatistica diz mais do que todas as minhas considerações. Durante o mez de janeiro foram sepultados nos cemiterios publicos e particulares da Corte 1:714 cadaveres, entre os quaes 355 de febre amarella e 187 de febre pernicioso, segundo os attestados de obito. Estes algarismos são realmente aterradores!... A media dos doentes que vão para a—Jurujuba—é de 15 a 20 por dia. E continuam a chegar carregamentos de emigrantes que são logo expedidos para o bannal, onde se dão quotidianamente scenas violentas, sendo preciso geralmente a intervenção da força armada, para conter aquellas turbas, que se julgam enganadas nas promessas que lhes fizeram.»

Eis aqui, Carissimos Cooperadores, uma descripção verdadeiramente triste e pungente dos males que soffrem tantos milhares de nossos irmãos, nas ardentes paragens da America, onde em vez de sonhadas fortunas, vão encontrar a miseria e a morte.

E, se entre milhares que vivem opprimidos pela fome e pelas doenças, fóra do conchejo dos paes, das mulheres e filhos, alguns ha em tão incle-

mentes paragens, a quem sorri a fortuna mais ou menos consideravel, bem limitado é o numero d'elles, e as graves doenças contrahidas no labular incessante em alcançal-a são em regra o seu triste cortejo, tornando por isso de bem curta duração o seu gozo.

Não pode, pois, tão limitado numero de felizes, a quem as mais graves doenças tantas vezes flagellam, ser justificado incentivo para arrastar a tantos males milhares de portuguezes, que dos patrios lares emigram annualmente para aquelle Imperio, em demanda de fortunas illusorias, quando elles, junto de suas familias e conterraneos, podem exercer a sua actividade na agricultura e nas industrias; quando n'uma vida tranquilla, embora parca e modesta, podem ganhar o pão ao abrigo d'aquelles males sob um ceu clemente, em um clima benigno, como é o de Portugal.

Rogamos, pois, aos RR. Parochos, Nossos Cooperadores muito prezados, que invidem todos os esforços humanamente possiveis em procurar desilludir aquelles de seus parochianos, que, levados d'aquellas promessas e esperanças, procuram emigrar para o Brasil, por desconhecem, por ventura, a gravidade d'aquelles males. Esperamos de seu já tão provado zelo que saberão esclarecer os e convencer os cabalmente a tal respeito, para que a febre da emigração, que já se alastra por todo o paiz, e particularmente n'este Nosso Bispado, em proporções assustadoras, encontre o mais poderoso embargo n'esta cruzada eminentemente patriótica e humanitaria, e ainda eminentemente moralizadora, ao vermos, em face de repetidas informações, o detrimento gravissimo que soffrem os costumes dos emigrantes n'aquelle Imperio, em virtude da falta da regular observancia dos preceitos da Egreja.

Será este Nosso Pastoral Aviso lido uma e mais vezes pelos RR. Parochos á estação da Missa Conventual a seus freguezes, acompanhando a sua leitura das considerações que julgarem convenientes e opportunas, a bem do fim de que se trata.

Dada e passada em o Nosso Paço de Fontello, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 8 de março de 1889.

(Logar X do Sello)

José, Bispo de Vizeu.



SECÇÃO RELIGIOSA

As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho

(Continuado do n.º 9)

(Ao meu amigo conego da sé d'Evora, Alfredo Cesar d'Oliveira)

VAMOS concluir hoje o que tinhamos a dizer das obras moraes de Santo Agostinho; ao depois trataremos das suas obras dogmaticas; e, mais ainda, mesmo na nossa pequenez, tentaremos pôr em relevo aqui n'esta Revista aos nossos leitores, o espirito deslumbrante d'este santo doutor da Igreja.

Com estes estudos, e outros já aqui publicados de tanta subtilidade e grandeza, não pretendemos fazer originalidade nem estylo ou litteratura remontada, mas só unicamente serviço prestado á boa causa que advogamos, obediencia á ordenança contida na Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII, em 20 de Abril de 1884.

Não levem em mal, o ver-se de continu um laical occupando-se aqui de materias religiosas, e mergulhando-se em assumptos antigos e já muito tratados.

Se o fim que proseguimos é elevadissimo, o caminho é direito e o melho do é simples: nem uma palavra de polemica, nem uma supplica á authoridade, nenhuma discussão theologica; os factos encham os nossos escriptos sempre, tal é o meio de mostrar o que Moysés e Jesus Christo deixaram de bello, de bem, de immortal.

Certamente, que temos feito grande esforço para não trazermos para os nossos escriptos qualquer paixão a não ser a que deve ser, a paixão pela verdade; e ter-nos-hiamos por bem desgraçado se esta paixão pela verdade se não deslumbrasse aqui, em cada pagina, em cada linha, em cada phrase, em cada palavra.

Emfim, o que nós quizeramos, e queremos ainda, é pôr, sem pretensão, em evidencia o que disseram ou antes dar a palavra a quasi todos os advogados da religião, desde Moysés até Santo Agostinho, ou mais adiante chegarmos até ao XV seculo.

A ignorancia alastra por esse mundo além. E affirmamos que a instrucção do homem d'hoje é incompleta, se o homem que faz garbo de pertencer ao XIX seculo, não allia ao conhecimento d'Homero o estudo dos escriptos de Moysés, á analyse das obras primas do theatro grego a meditação das narrações dramaticas de Job e dos Prophetas. Só com estes estudos ante os olhos é que o homem do seculo, ha de pôr acima de Pin-

dar e do Sapho, David e Débora; a Theocrito preferirá elle Ruih e Tobias; e acima de Demosthenes não deixaria de collocar S. Paulo até.

Portanto, declaramos que os livros serios se acham fechados n'um circulo sem saída: a minoria que os lê não tem necessidade das suas ficções, e a maioria que d'elles teria grande necessidade não os lê.

Com uma irremediavel leviandade a turba repete a palavra dos Judcos: «Conta-nos historias que nos intertenha, e ouvir-te-hemos.»

Rindo de tudo o que é serio, a maior parte dos ignorantes voltam a cara e passam. Que fazer a isto? Eis o que. O desejar-se o despertamento, na patria de Santo Antonio, de Camões, e de Vasco da Gama, dos grandes sentimentos da alma humana pelo lento contagio do bem.

* * *

Na harmonia d'uma lyra bem afinada, a vibração d'uma corda desperta os eccos e os murmurios sonoros de todas as outras cordas; assim, com respeito a harmonia musical, no principio d'um tratado que ficou por acabar, o discipulo de Platão dá uma admiravel theoria do ideal:

«Onde se acha pois aquella harmonia que nós desejamos na forma e no movimento dos corpos, mas pela qual nos não flamos d'elles? Ella acha-se no que é superior ao corpo, na alma, ou melhor no que está acima da alma.»

Isto é que a arte dirige-se ao homem, mas que a arte tem o seu principio em Deus, fonte da perfeição nas bellas-artes.

Este amor de Deus ao qual tudo se liga, realça mesmo as coisas inferiores:

«Portanto não eliminemos do numero das obras da divina Providencia, as harmonias ligadas aos nossos dias de soffrimento e de mortalidade; porque, ellas teem a sua belleza. Mas não as amemos como se taes bens dariam a felicidade. Que ellas sejam para nós um madeiro sobre as ondas: não as regeitaremos como um pezo inutil; mas não as abraçaremos como um apoio solido.»

* * *

O dialogo do Mestre que principia pela investigação da relação entre as palavras e as idéas, eleva-se até ás mais altas theorias sobre as relações da alma com Deus.

Elle começa assim: «Que pretendem os mestres? São acaso seus proprios pensamentos ou antes é porventura a sciencia mesma de cuja palavra sua é o orgão que elles julgam nos transmitir? Mas quem teria uma curiosidade assaz tola para mandar seu filho

para a escola asim de que elle aprenda unicamente o que pensa o mestre? Ah! todos esses conhecimentos que os mestres offerecem para nos ensinar, mesmo a virtude e a sabedoria, sua palavra os expõe; mas aquelles que chamam seus discipulos, examinam em si mesmos se o mestre dissera a verdade; elles consideram com toda sua força a verdade que elles trazem em si. E' assim como elles se instruem; quando reconhecendo em si mesmos a verdade d'aquillo que se lhes disse, elles approvam. . .

Em summa, não é eu que, mesmo em disendo a verdade, a ensina áquelle que me escuta; elle a vê, elle se instrue não com o meu discurso mas com as coisas mesmas.»

* * *

Como a graça é o fundo divino sobre o qual se firma a virtude christã, é sobretudo pela sua infatigavel argumentação, com respeito ao problema da graça, que o grande doutor teve o merito de ser glorificado na Igreja: Santo Agostinho é eminentemente o doutor da graça.

Em 408, Pelagio, frade bretão, espalhava na Italia, na Africa e pelo Oriente aquella doutrina que a graça não é necessaria para ser-se virtuoso. Sob pretexto de levantar e de sustentar a força moral do christão, aquella heresia não servia senão para exaltar nossa pequenez e nosso orgullo. Effectivamente, na sua presumpção a vontade livre pretendia frustrar-se ao apoio mesmo de Deus; ella arrogava-se o direito de reger a Providencia e de commandar a graça. O pelagianismo lembrava forçando a graça a opinião que Agostinho havia sustentado no seu tratado do *Libre arbitrio*, revendendo, como proprio á alma, uma acção sob o olhar de Deus.

Era a exaggeração d'uma obra excellente no seu principio, porque o seu fim era o arrancar as almas ao enfraquecimento de animo provocado pelas ruinas e os desastres do tempo; effectivamente bom foi o lembrar á alma que ella permanece livre n'um corpo vencido e destruido, que ella escapa ao jugo da força brutal. D'este sentimento fecundo de nossa independencia moral, Pelagio fez o esteril orgullo sustentando que o homem nem mesmo necessidade tem da graça para ser virtuoso. Foi dado á alma ardente e piedosa de Agostinho o applicar ao pelagianismo a sentença do Evangelho: «Se o homem se degrada, eu o levanto; se o homem se levanta, eu o degrado.»

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis
da Companhia de Jesus

28.º

(Continuado do n.º anterior)

LXI

P. Agostinho Barruel

USTE nome ha de ser sempre inscripto com honrosa menção na historia da litteratura catholica: contemporaneo de dois seculos, vivendo no tempo da Revolução franceza e sobrevivendo a essa terrivel catastrophe, o P. Barruel, notavel por seus talentos, sciencia e virtudes, foi um dos escriptores mais populares, e deve ser contado entre os mais intrepidistas da Igreja e da ordem social.

Segundo o plano que adoptamos resumiremos os topicos principaes da sua vida, no intuito de dar uma ideia d'este valente campeão da causa catholica.

Agostinho Barruel nasceu em Villa neuve de Berg (França), a 2 de outubro de 1741, e descendia d'uma antiga familia de bastante consideração. Estudando os primeiros elementos das sciencias n'um collegio de jesuitas, afeiçãoou-se à Ordem de Santo Ignacio, e n'ella, sendo ainda muito joven, entrou e fez a sua profissão solemne.

Quando a Companhia de Jesus foi suprimida na França pelo poder temporal, Barruel preferiu o exilio á renuncia do estado que havia abraçado: partiu para os estados da Austria, habitando successivamente na Bohemia, na Moravia e em Vienna. N'esta ultima cidade foi empregado no collegio Theresiano.

Em 1773, sendo extinta a Companhia por um Breve de Clemente XIV, o P. Barruel visitou Roma e grande parte da Italia, regressando á França em 1777.

Desde esta epocha dedicou-se inteiramente ao estudo, e começou a publicar obras contra os philosophos modernos, refutando os sophismas dos incredulos, esses famosos coripeus da impiedade que então tratavam de destruir a religião; e em seguida desvendou os segredos das seitas occultas e combatu as doutrinas dos revolucionarios.

N'este ponto foi eminente o P. Barruel. A primeira obra que escreveu e que lhe grangeou grande nomeada, foi as *Cartas provinciales philosophicas*, que constam de 5 volumes. E' uma obra de verdadeiro merito, onde elle mostra em toda a sua evidencia a extravagancia dos systemas dos philosophos incredulo-

los, a incoherencia das suas ideias e as contradicções das suas doutrinas.

As outras obras mais notaveis d'este auctor são: *Jornal ecclesiastico*, desde 1788 até 1792, onde elle julgou com verdade a Revolução, o seu espirito e tendencia, logo desde a sua origem; *Historia do Clero durante a Revolução*, onde apresenta tudo o que se passou a respeito da Constituição civil do clero; as *Memorias do jacobinismo*.

Barruel foi um dos primeiros auctores catholicos, se não o primeiro (segundo o que podemos saber) que patenteou ao mundo os fins tenebrosos da Franc-Maçonaria; e é por isso que contra elle se desencadearam as iras de todos os sectarios e revolucionarios. Com o auxilio d'uma philosophia verdadeira e por meio de pacientes indagações chegou este sabio jesuita a penetrar nos segredos mais occultos da malicia humana, e os revelou com documentos e provas irrefragaveis.

Era natural que uma obra d'esta natureza sublevasse contra Barruel uma multidão de inimigos e de contradictores. Todos os sectarios, quaesquer que elles fossem, os inimigos da auctoridade, os chamados philosophos se declararam contra elle. Elle combatia sobre a brecha, no meio das ruinas do altar e do throno, com uma coragem que só pôde inspirar o amor da verdade e da patria.

As *Memorias* de Barruel são um livro precioso que tem aberto os olhos a muitos, e que se não pôde ler de boa fé, sem se ficar convencido; porque tudo alli está devidamente documentado. Nada do que elle diz pôde ser desmentido por um epigramma ou por uma injuria.

Vivendo em Paris, nos dias mais criticos da Revolução, o P. Barruel era inacessivel ao medo: escrevia com coragem contra os revolucionarios, e até se ria dos seus insultos e ameaças, sustentando com energia os direitos da Igreja.

Uma prova do seu caracter e da sua coragem é o seguinte facto:

Em 1793, Barruel quiz chamar ao seio da Igreja o apostata Gobel, Bispo intruso de Paris. Effectivamente conseguiu convence-lo; mas o jesuita pretendia que o apostata retractasse publicamente o seu erro, ao que elle se recusou, não tendo coragem para assim o praticar.

Disse-lhe então Barruel:

«Pois bem: serei eu o que hei de ler a vossa retractação no pulpito da Cathedral, estando vós presente. Seremos presos, levar-nos-hão ao cadafalso, e um e outro subiremos logo ao ceu.»

Gobel persistiu na sua recusa, e, como é sabido, alguns mezes depois morreu guilhotinado.

Na epocha do terror, sendo perseguido pelos facciosos, o P. Barruel viu-se obrigado a esconder-se, e pôde emfim retirar-se para a Inglaterra. Voltou á França em 1802, e teve o titulo de conego honorario de Paris.

Continuou a escrever em defeza da Igreja e da Santa Sé, o que lhe mereceu ser preso em 1811 por ordem do governo imperial; mas dentro de pouco tempo foi posto em liberdade. Em 1815 reuniu-se aos seus antigos confrades, em seguida á Bulla de Pio VII que reintegrou a Companhia de Jesus.

Morreu o jesuita Barruel a 5 de outubro de 1820, amado de todos os bons catholicos pelas suas virtudes e talentos; pois que em verdade era um optimo religioso e varão doutissimo.

E não se distinguiu só em assumptos ecclesiasticos, mas ainda na physica, na poesia e na historia.

Alguns teem notado o seu estylo difuso; mas é certo que escreveu com muita clareza, elegancia e agrado. Ninguem pôde deixar de o ler para saber o que foi a Revolução franceza, de funesta memoria, e as causas que a produziram.

LXII

P. João Baptista Cardeal
Franzelin

Antes de tudo faremos uma advertencia, que já deveria ter sido feita: n'esta Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus não seguimos a ordem dos tempos; fallamos d'aquelles que nos occorrem á memoria, antigos e modernos, e entre elles mencionamos os principaes, sem contudo quereremos que outros sejam tidos em grau inferior.

Como já aqui dissemos em outra parte, não é possivel dar uma ideia de todos os jesuitas de grande reputação: e porque não poderemos completar o nosso plano, temos ultimamente biographado alguns que fôrão dos nossos dias.

Em consequencia d'isto vamos nos agor occupar d'um dos mais recentes, famoso por sua dignidade e altas qualidades intellectuaes e moraes que possuiu: é o Cardeal João Baptista Franzelin, fallecido a 11 de dezembro de 1886.

Nasceu este religioso em Altino, povoação do Tyrol meridional, diocese de Trento, a 15 de abril de 1816. Entrou na Companhia de Jesus em 1834. N'esta Ordem recebeu aquella educação de espirito e de coração, que fez d'elle um modelo dos mestres e dos religiosos.

Sendo reconhecido o jesuita Franzelin como homem de vastissima erudição e de profunda piedade, foi em 1863 chamado para ensinar theologia dogmatica no Collegio Romano, occupando a cadeira que pertenceu aos famosos jesuitas Suares, Belarmino, e, em tempos

mais recentes, João Perrone. No magisterio desenvolveu toda a sua intelligencia e deu um novo impulso aos estudos theologicos.

Pio IX elevou-o á purpura romana no consistorio de 3 de abril de 1876, com o titulo de Cardeal Presbytero dos Santos Bonifacio e Aleixo. Em seguida foi Consultor das Sagradas Congregações da Propaganda, do Index e da Inquisição Romana.

O Nosso Santissimo Padre Leão XIII. não menos conhecedor dos grandes meritos do Cardeal Franzelin, o encarregou de negocios importantissimos, e conferiu-lhe a prefeitura da Sagrada Congregação das Indulgencias e Santas Reliquias.

O P. Franzelin era muito humilde, e não se occupava senão do estudo e da oração, e de tudo o que dizia respeito ao serviço da Igreja. Sendo Cardeal, nunca se esqueceu de que era jesuita; queremos dizer, observava rigorosamente, quanto era compativel com a sua dignidade, o Instituto de Santo Ignacio.

Como já dissemos, falleceu a 11 de dezembro de 1886, deixando varias obras theologicas.

LXIII

P. Camillo Cardeal Tarquini

Nasceu este sabio e bom religioso em Malta, diocese de Monte Fiascone (Italia), a 27 de setembro de 1810, d'uma familia nobre. Entrou na Companhia de Jesus a 27 de agosto de 1837.

Logo desde os seus primeiros annos mostrou um grande talento, e ao mesmo tempo rara virtude e desprezo de todas as grandezas do mundo.

Ensinou rhetorica nos collegios de Fano, Modena, Placencia, Verona, Fermo e Tivoli, com grande reputação, formando optimos alumnos, não só na litteratura, mas nos bons e christãos costumes. Regeu a cadeira de direito canonico no Collegio Romano.

O jesuita Camillo Tarquini occupou em Roma logares de muita importancia: foi consultor das Congregações do Santo Officio, da Propaganda e dos Negocios Ecclesiasticos extraordinarios, dos Bispos e dos Regulares, e theologo da Sagrada Penitenciaria.

Foi summamente erudito, profundo na Escripura Sagrada, no conhecimento da lingua etrusca, no direito canonico e ecclesiastico, e em archeologia. De tudo isto publicou obras de muito merecimento, sendo a cada passo citado como auctoridade por outros escriptores.

Pio IX fel-o cardeal a 22 de dezembro de 1873. O santo religioso recusou esta dignidade, mas, por expressa von-

tade do Soberano Pontífice, não teve remedio senão submeter-se ao honroso cargo de que era dignissimo.

Morreu piamente, como tinha vivido, a 15 de fevereiro de 1874.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO LITTERARIA

Tribulações d'um pae

(Durante a viagem de instrução de meu filho mais velho, aspirante de marinha)

*Se tu sape:si in questi giorni anch'io
Quanto piangere ho fatto, e diche pianto!*

TOMMASO GROSSI.

I

Entre aureas nuvens, na orla do horizonte,
Fulge do dia o vasto luminar;
E á lusa praia volve a ardente fronte,
Como suspensa, um saudoso olhar.

Dir-se-ia agora enorme mó candente,
Agora rubro disco da agua á flôr,
Agora apenas de alambique ingente
Capitel circumdado de esplendor.

Sumiu-se... Eis da saudade a hora solemne,
Melancolia e meditar sem fim:
E do oceano o sussurrar perenne
A alma acalenta no seu sonho assim.

E eu, quedo, estendo os olhos pelo argento
Té onde o rôxo circulo os contem,
Os olhos, pois audace o pensamento
O ultrapassa, e pelo espaço vóa alem

N'este instante onde estás, filho dilecto,
A quem busca ancioso o coração?
Fendes ondas do mar irrequieto?
Pisas solo de estranha região?

Seja onde for, uma saudade intensa
Sobre as azas da brisa lá te vae:
E nada mais te peço em recompensa
Que uma lembrança a teu amante pae.

Foz do Douro, 5—8—88.

II

Como lento se arrasta e tormentoso
A quem espera o tempo, que veloz
Corre ao que o passa em alegria e gozo!
Esperar! esperar! amarga voz,
Supplicio atroz!

Minutos horas são, as horas dias,
E os dias annos de indizível dor,
Inquietações mortaes, melancolias,
Desalento profundo, e dissabor
Torturador!

Nauta, em meio de negra tempestade,
Pela bonança anceia e sol vivaz:

O coração ralado de saudade
Suspira pelo dia que lhe traz
Allivio e paz.

Quando o instante virá, que allim mitiga
Tanto esperar em vão, tanto soffrer?
Ai! vòe presto, e doces coisas diga
Do que anhelara, estremecido ser,
Nos braços ter!

Porto, 7—8—88.

(Continua).

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Frontaria da Sé de Braga



SÉ de Braga, ennobrecida com o pomposo titulo de Primaz das Hespanhas é um dos maiores templos do reino fidelissimo. Compulsando bem os nossos escriptores antigos não encontramos uma noticia positiva á cerca da antiguidade do grandioso edificio, porque aquelles escriptores são laconicos em demasia quando se referem á parte material de qualquer igreja. Sabemos com certeza que a cathedral bracharense é antiquissima; mas não podemos precizar uma data, porque não a temos encontrado.

Depois da queda do imperio romano a onda barbara rolou até aos confins da Lusitania, deixando por toda a parte signaes indeleveis do seu rancor contra o nome dos filhos de Cezar. Arrazaram a Brachara Augusta os suevos destimidos, e, reedificaram uma outra para nordeste, (?) a qual foi escolhida para a corte dos seus reis. Onde se destacava a primitiva cathedral? Que mudanças teve de logar? Que reconstrucções soffreu durante o dominio dos suevos, dos godos e dos reis das Asturias e de Leão? São pontos escurissimos...

Só a luz frouxa de meras conjecturas poderá guiar-nos um pouco para nos deixar, em seguida, mais confundidos ainda. Só no seculo XI encontramos noticias mais positivas, relativamente á Sé de Braga.

Que a mencionada cathedral foi reconstruida pelo conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza, prova-se com as escripturas publicas d'aquelle tempo, que são as fontes genuinas, onde se pode encontrar a data e o motivo de uma fundação notavel. A reedificação seria geral ou parcial?

Não sabemos. Como vestigios d'essas obras, com certeza imponentes, restam apenas as paredes exteriores do cru-

zeiro e as capellas da Anunciação, onde foram sepultados os restos mortaes d'aquelles soberanos. Se algum leitor do «Progresso Catholico» pretender examinar bem a sé de Braga, não se preocupe antecipadamente com as feições architectonicas do seculo XI ou XII, porque não as encontra lá. Deixando a igreja do conde D. Henrique, vamos dizer alguma cousa do templo actual. Este levanta-se no meio da cidade de Braga. A frontaria magestosa deita sobre uma rua larga e nova, que do campo das Carvalheiras olha em linha recta para o vestibulo da sé. Do solo até á cruz archiepiscopal das torres mede de altura trinta e sete metros. Sobre a abobada de laçaria de pedra, que cobre o vestibulo saliente, descança um espaçoso terrado, cintado de grades de ferro. Sete estatuas de santos mettidas em nichos adornam o vestibulo na parte superior. O resto da fachada não ostenta ornamentações que mereçam reparo, a não ser a estatua da Virgem Maria que se encontra collocada em um nicho entre as duas torres. A gravura do numero antecedente da nossa revista dispensa-nos de mais explicações. Logo á entrada o visitante depara com um objecto d'arte que contém um merecimento duplo: riqueza e curiosidade. E' o tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I e da rainha D. Filippa, que foi arrebatado pela morte aos 10 annos de idade. No seu genero, diz a critica, não ha outro em Portugal, é todo de bronze, é uma formosura. Foi mandado de Flandres pela infanta D. Isabel, filha do nosso rei D. João I e mulher de Philippe III, o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandres. O coro é muito trabalhado, muito rico, mas não é bello.

Não encontramos alli os delicados relevos com que o insigne escultor Diogo da Costa se immortalisou no templo de Belem.

(Continua)

R. Paraizo.

SECÇÃO NECROLOGICA



Agueda mais um bom catholico foi eliminado da lista dos vivos, o Ex.^{mo} Sr. João Rodrigues de Seixas Almiro. O anjo da morte, enrolando-o no seu manto de trevas, furtou ao «Progresso Catholico» um assignante e um amigo.

Sinceramente deploramos tão infaus-

to acontecimento. Pedimos á Ex.^{ma} Sr.^a D. Roza Emilia da Graça que, recostando-se no collo da resignação, soffra, com o pensamento em Deus, a perda de seu carinhoso pae, e aos nossos leitores uma prece fervorosa pela alma do nosso finado amigo.

A' enlutada familia os nossos peza-

Falleceu em Ericeira no dia 17 do corrente a Ex.^{ma} Sr.^a D. Joanna Maria Palhano, esposa do nosso amigo e assignante do «Progresso Catholico» o Ex.^{mo} Sr. Francisco José Palhano, senhora dotada de sublimes virtudes, sobresaindo a todas a virtude da caridade, em tudo em que manda a lei de Christo, pois sabia-a bem cumprir, por que era uma verdadeira christã. Deus Senhor nosso tenha sua bella alma na Gloria, e nós acompanhamos ao estremecido esposo na sua dôr, pedindo a Deus lhe haja dado a resignação, para soffrer á cruz abraçado tão profundo golpe.

Aos nossos leitores pedimos uma prece por alma da fallecida senhora.

A REDACÇÃO.

Agradecimento

A familia do finado Teixeira de Freitas agradece commovida a todas as pessoas das suas relações, que tiveram a caridade de tomar parte na sua grande amargura. Recebendo d'Ellas tanta fineza, prova clarissima de summa consideração, protesta a todas o seu eterno reconhecimento. Deus ha de pagar-lhes o bem que fizeram.

Anna Margarida Teixeira,
Josefa d'Oliveira Teixeira de Freitas,
Maria do Carmo Teixeira de Freitas,
Mãe e irmãos do fallecido.

RETROSPECTO DA QUINZENA

PEDIMOS aos leitores da nossa revista uma amabilidade: queiram ler a Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Vizeu a proposito da Emigração. E' convenientissimo, é urgente, é necessario que o povo portuguez, em nome da Cruz e da Patria, desenvolva uma propaganda vigorosa contra esse prejuizo furioso, chamado a Emigração para o

Brazil, que entre nós, ha muito tempo, tem foros de mania contagiosa. Portugal não deve perder um homem sem ao menos soltar um grito de amarissima dor, nem a Igreja Luzitana dizer adeus a um filho sem verter uma lagrima! Quando a *tyrannia* deixava esconder o infeliz na pobre cella de um convento, nem as camaras, nem a opinião publica, nem a imprensa, nem a familia, nem os bispos, nem a caridade, nem a Igreja, se incommodavam com as *miragens* das plagas longinquas da America, por que sabiam muito bem que era mais grato ao homem o frio da clausura, do que nas regiões torridas um *caustico de brasas*! Hoje tudo grita, tudo brada; mas a *tyrannia*, está morta e a *liberdade* dos nossos dias, *evitada*, faz ouvidos de mercador!!! Não abre as portas do claustro silencioso porque é uma liberdade falsa, covarde e... deve ter o retrato em todas as casas de policia.

Leiam, leiam aquella Pastoral eloquentissima, e para logo ficarão partidarios de uma idea profundamente patriotica, genuinamente humanitaria, terminantemente christã. Para confirmação das verdades exaradas na Carta Pastoral do Ex.^{mo} Sr. prelado da diocese de Vizeu com relação á febril emigração para o Brazil, tomamos a liberdade de transcrever d'um jornal catholico o artigo que segue:

«Mais eloquentes do que o melhor dos artigos contra a emigração, são os seguintes paragraphos da carta d'um emigrante do Brasil, que escreveu a sua mulher, residente em Sillobre, Corunha, e que transcrevemos d'um jornal hespanhol:

«Tem esta por fim dizer-te que a America está completamente perdida, que a abundancia de familias é extraordinaria, que os salarios são muito diminutos, e é impossivel a vida assim; muitos que vieram para a America nunca se viram como estão, e nem sequer tem meios para regressar á patria.

Ninguém ganha sequer para vestir-se. Os salarios no campo são 16 patacas, que correspondem a dez duros hespanhoes, e para obter esse dinheiro é necessario trabalhar mais que os proprios animaes.

Na casa do patrão somos cem operarios e a familia não pode com a despeza; ella já nos disse que em breve seriam reduzidos os salarios; não imaginas os martyrios que tenho soffrido. Durmo em cima de uma taboa, e quando vou deitar-me o meu coração põe-se mais triste do que a noite.

As comidas não se podem tragar, o caldo é de arroz sem batatas nem hortaliça; com duas horas de noite vamos para o trabalho, e em todo o dia ape-

nas temos ao meio dia uma hora de descanso.

Estamos aqui como uns cães; não ouvimos missa aos dias santos; trabalhamos até ás dez horas, depois lavamos a roupa, e secca-se em seguida; este serviço causa nauseas. Aqui o presunto é muito caro; um real de lá vale quatro; uma camisa um duro, umas seroulas egual preço; uns sapatos quatro; umas solas 30 reales; o quartilho de vinho e mau, quatro reales; o copo de aguardente, um real; de forma que é isto um perfeito inferno. Eu tão depressa possa juntar dinheiro para a viagem regressarei á Hespanha.»

Por todos estes factos se evidencia que a fortuna que os pobres emigrantes contam encontrar na America é uma illusão, e que por todos os meios possíveis se deve pôr dique a essa corrente.

Os desgraçados, quando põem o pé no navio que os hade levar a essas longinquas paragens, sonham com o muito ouro que lá devem junctar, e em vez d'essa anhelada riqueza encontram a miseria, o abandono, a doença sem os allivios da ternura da familia, e muitas vezes a morte nas pedras das ruas ou nas enxergas dos hospitaes!

Ha poucos dias ainda, um individuo que se achava no Lazereto na occasião em que entravam uns poucos de portu-guezes que vinham do Rio de Janeiro, nos disse que aquelles homens despertavam a mais sentida compaixão pelo miseravel estado em que se achavam.

Pobres e doentes!

—O Brazil já foi Brazil—eis a exclamação que soltam quasi todos, quando voltam á sua querida patria.

No Atheneu Commercial da cidade do Porto realisou-se uma conferencia sobre assumptos africanos, feita pelo illustradissimo missionario, Conego Antonio José de Sousa Barrozo, superior da missão de S. Salvador do Congo. Ao levantar-se, uma salva de palmas estrondeou immediatamente. O rev.^{mo} Barrozo fallou durante duas horas com uma singeleza insinuante, sympathica e instructiva.

O illustrado missionario mostrou a grande conveniencia, para os interesses religiosos e nacionaes, de se fundar uma congregação nacional, estabelecendo-se depois poderosas missões centraes d'onde irradie a civilisação. Se á geração actual repugna a existencia de votos perpetuos, façam-se votos temporarios: o essencial é acabar-se com o actual systema de missões, que pouco adiantam na educação do indigena. O que se deve desejar é missões proveitosas com escholares de officios, de modo a

crear no coração do preto um grande amor pelo trabalho.

A preta precisa tambem de ser educada, porque educar o homem e não a mulher é civilisar sómente metade: haja, pois, tambem congregações religiosas de senhoras, que exerçam a sua missão perto das missões dos religiosos.

Ao terminar, o rev.^{mo} Conego Barroso foi muito applaudido.

Nós tambem soltamos um bravo caloroso em honra do grande obreiro do progresso, que á beira do *ninho da liberdade*, escarpellizou as ulceras da opinião *arranjada*, d'essa bacchante nervosa que não quer freiras nem fra-des!

Os nossos parabens ao Superior da missão do S. Salvador do Congo.

Já partiu para Cabo Verde, onde vae assumir a vice-reitoria do Seminario, e a regencia d'algumas cadeiras, o cone-go Francisco Ferreira da Silva.

S. ex.^a é digno de todas as distincções, não só pelas suas virtudes reconhecidas, mas tambem pela illustração e competencia que lhe dá a formatura nas duas faculdades de theologia e direito, e a sua prudencia consummada. Desejamos-lhe muitas felicidades.

Um dos chefes da União romana assegurou ao correspondente de Roma do nosso collega *L'Observateur Français*, que o sr. Crispi se entendeu com o sr. Lemmi, grã-mestre da franc-maçonnaria italiana, para organizar uma associação exclusivamente radical em Roma. Esta Sociedade tem por fim principal fazer guerra ao Papa e luclar contra a União Romana nas proximas eleições.

Não é necessario insistir na importancia do facto, porque nós conhecemos de sobra as intenções purissimas das tropas crispinas.

Pobres doidos!!!

Refinados hypocritas!!!

O governo do Cantão de Berne prohibiu a leitura d'uma pastoral do bispo de Basilea, porque continha uma censura que o nosso S. Padre Leão XIII faz na sua ultima encyclica ás escholares irreligiosas. Este acto de despotismo e intolerancia dos liberaes bernezes excitou em toda a Suissa profunda indignação.

E' assim a tolerancia dos que accusam de intolerante a Igreja catholica.

Era de fugir se o ex-padre Dias lá estivesse; tinhamos em scena uma perseguição á Nero com certeza, porque a reforma não é para *graças!*

Quem não gravitar em torno do seu *eu, soberano e infallivel*, ergastulo com elle, em nome da estupidez e da seita. Se o jornaleco já *despreza o livre exame*, a decantada *inspiração*, para fallar em *liberdade!* Que miseria...

Não temos dinheiro...

Quando a gorda der uma gargalhada, fallaremos... Sim *padre!*

Virgilio de Senna.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Triduo e Festividade Religiosa

Em tempo competente dirigiu o humilde signatario d'estas linhas ao jornal «A Palavra» uma descripção do triduo e festividade supra; como porem até hoje não fosse publicada, necessario se tornou recorrer a outro jornal religioso.

E' com o coração transportado de jubilo e a alma repleta dos mais suaves affectos, que o abaixo assignado deseja prestar sincera homenagem de profundo reconhecimento e consideração aos seus parochianos, que tanto se desvelaram em levar a cabo com o maximo esplendor o triduo e a primeira festividade do Santissimo Coração de Jesus, que na sua freguezia de Moreira de Conegos teve logar por occasião da entrada solemne da primorosa imagem do mesmo amantissimo Coração.

Na impossibilidade de remuneral-os condignamente em feito tão grandioso, tenho em vista prestar-lhes um voto de louvor, e na humildade do meu nada agradecer fervorosamente á Suprema Bondade de Deus, que me destinou um povo tão humilde, tão delicado e tão respeitoso.

Este faustoso acontecimento ficará em perpetua recordação nos annaes d'esta freguezia, e gravado profundamente em milhares de corações generosos, que então pulsaram as mais fortes vibrações d'um amor todo puro e divino. E' principalmente em occasiões identicas, que com alguma precisão se pôde avaliar o immenso alcance d'aquellas simples palavras do apostolo Pedro: Senhor! bom seria que aqui ficassemos! *Domine! bonum est nós hic esse!*

Foi no dia 25 d'outubro do anno findo, que na parochial igreja de S. Paio de Moreira de Conegos, pelas 3 horas da tarde, se deu principio ao triduo dos exercicios religiosos por uma pratica substancial e cheia d'unção, feita pelo muito illustrado e virtuoso missionario Padre Manoel Carvalho, de Caminha. Nos dias 26 e 27 continuaram as praticas religiosas, feitas pelo mesmo respeitavel e erudito sacerdote, e tiveram logar tambem as confissões dos numerosos associados, para o que se pres-

tou da melhor vontade um bom numero de sacerdotes venerandos e assaz respeitaveis.

Quem na tarde do dia 27 percorresse o caminho, que segue d'esta igreja á annexa de S. Martinho do Conde, ficaria incontestavelmente surpreendido, direi melhor,—maravilhado até—em face do acieo e decoraçào, que em todo elle se notava.

Era digna de vêr-se a actividade jubilosa, que a boa mocidade d'ambas as freguezias desenvolvia em tapetar de flores, ramos e verdura o longo espaço de dous kilometros, que separa as duas egrejas. Era de admirar o afan e cuidado, que todos punham em levantar de quando em quando arcos triumphaes, e arvorar em duas linhas quasi cerradas innumeraveis mastros, aformoseados com festões e ramos, e encimados por formosas bandeiras, que tremulavam suavemente, impellidas pela branda viraçào.

Consolava a alma e o coração—ver quanta alegria transluzia em todos aquelles rostos, e quanto jubilo inundava os magnanimos corações de tantos jovens!! Dir-se-hia, que tinhamos de presenciar uma nova entrada de Jesus em Jerusalem; e com effeito a aproximação deu-se.

Pelas 3 horas da tarde do mesmo dia 27 já a mocidade de cada uma das duas freguezias tinha a sua banda de musica; e ás 9 da noite, collocadas a pequena distancia—uma da outra—as duas bandas começaram a fazer ouvir harmoniosas peças, subindo ao mesmo tempo muito e variado fogo de vistas—a expensas unicamente da mocidade.

Por essa occasião em signal de regosijo publico illuminaram-se não só os pontos mais elevados, mas egualmente as janellas das differentes moradas das duas freguezias.

No dia 28 (domingo) ao romper d'alva teve logar uma missa rezada; apoz esta houve outra missa, em que se administrou «o pão dos anjos» a todos os associados presentes, sendo acompanhada de pequenas exhortações, canticos e côros de musica.

Excederam muito a mil as commhões feitas n'este triduo e festividade.

A's 10 e meia horas da manhã principiou a desfilhar magestosamente a procissão da igreja de Conde para a de Moreira de Conegos. Tomava a frente a meza directora d'esta associação; depois seguiam encorporadas as tres antigas irmandades—de Santo Antonio, do Rozario e do Sacramento, pertencentes a esta freguezia; apoz ellas marchava um côro de 14 meninas, elegantemente vestidas, que alternadamente cantavam com gosto e perfeição dous melodiosos hymnos.

Por ultimo vinha em formoso andôr

a preciosa e bem elaborada imagem do Santissimo Coraçào de Jesus, ladeada pelos illustres membros que constituem a meza directora da associação de Guimarães.

Honra lhes seja por se dignarem abrihantar tão sympalica festividade; e já agora aproveito tão favoravel ensejo para lhes testemunhar toda a minha gratidão e reconhecimento.

De quando em quando, por entre os sons harmoniosos da musica, numerosas salvas atrovavam os ares, e mais augmentavam ainda a profunda commoção, que se havia apoderado de todos os animos. Mas a imagem!? Que direi da imagem!? Medindo 6 palmos d'alto—com tres de nublado e peanha, perfaz o total de nove palmos... E' um encanto! uma belleza! um primor d'arte e de sentimento, como tenho visto pouco!

D'aqui mesmo dirijo os parabens mais entusiastas aos dous eximios artistas:—o snr. Antonio Couceiro, da rua do Sol no Porto, e o snr. Antonio Luiz Rodrigues, da rua de S. Marcos em Braga.

A' veneranda classe, a que tenho a honra de pertencer; aos meus respeitaveis collegas no sacerdocio tomo a ousadia de recommendar os dous notaveis artistas.

Era meia hora sobre o meio dia, quando começou a missa solemne a grande instrumental, em que mais uma vez mostrou a sua pericia musical e bom gosto—o snr. João Pereira de Guardizella.

De tarde teve logar o sermão, e findo este, procedeu-se á encerração do agosto Sacramento, concluindo tudo com um lindissimo—Te Deum—em acção de graças, no qual officiou o illus-

trado e piedoso Vigario da Vara de Barrozas na Diocese do Porto.

E já que fallo em tão respeitavel cavalheiro pede a justiça que algo diga a seu respeito. Não é bom, que a luz fique debaixo do alqueire, mas sim sobre o condelábros. Perdõe-me sua Ex.^a estes encomios—tão sinceros, quanto verdadeiros.

Como sacerdote é um modêlo de piedade e virtude, como parochio um pastor zelozo e verdadeiramente á altura da sua missão; como auctoridade ecclesiastica no seu vicariato é um character grave e affavel, recto e bondoso, modesto e humilde... Bem se deixa ver, que é notavel a perspicacia do Em.^{mo} Cardeal D. Americo na escolha dos seus immediatos subordinados.

Concluo deixando aqui exarados os nomes dos illustres senhores, que tanto se interessaram n'esta festividade, e que constituem a meza directora. São os Ex.^{mos} srs.: Jeronymo Machado de Faria e Castro, Casimiro Alves da Silva, José Machado d'Abreu, José d'Almeida Guimarães, Cassiano Pereira, e Antonio Lopes.

S. Paio de Moreira de Conegos—março de 1889.

Padre Laurentino José Dias.

ANNUNCIOS

ESCRITOS CATHOLICOS D'HONTEM

PELO

P.^o SENNA FREITAS

DA

Congregação das Missões

1 vol. de mais de 300 pag.

Preço..... 300 reis.

Conde de Samodães

O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO

A' Santissima Virgem Mãe de Deus

NOVO MANUAL PARA OS EXERCICIOS DA DEVOÇÃO N'ESTE MEZ

Com a collaboração poetica

DE

ANTONIO MOREIRA BELLO

Com permissão e approvação

DO

Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto

Preço, encadernado 400 reis

PELO CORREIO—440 REIS

Editor—José Fructuoso da Fonseca

A' venda—em Guimarães: na livraria Internacional dos successores de Teixeira de Freitas.—No Porto: nas livrarias dos snrs Joaquim Maria da Costa, Cruz Coutinho, nos Loyos—e nas principaes livrarias.—Em Lisboa: na Casa Catholica, de Silvestre Castanheiro, rua Augusta, 180.